

TEMPO E TEMPORALIDADE NO JORNALISMO. REDAÇÃO CONVERGENTE E CULTURA JORNALÍSTICA*

Time and temporality in journalism. Convergent newsroom and journalistic culture

Tiempo y temporalidad en el periodismo. Sala de prensa convergente y cultura periodística

Thaís de Mendonça Jorge

Jornalista profissional e professora da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília. Pós-Doutorado na Universidade de Navarra (Pamplona, Espanha). Doutora em Comunicação Social e mestra em Ciência Política pela Universidade de Brasília. Graduada em Comunicação Social foi pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: thaisdemendonca@gmail.com

Resumo

No jornalismo de hoje convivem várias temporalidades: as da 1) produção da notícia; 2) edição do material e preparação para divulgação; 3) distribuição por meio de um suporte, utilizando tecnologias avançadas, num complexo que libera produtos a cada segundo, como em tempo real. Este artigo estabelece paralelos entre a indústria de mídia e as redações da atualidade para refletir sobre as seguintes questões: 1) como chegamos à redação convergente? 2) como sociedade e redações se influenciaram?

Palavras-chave: Redação; Jornalismo; Tempo; Temporalidade; Tecnologia.

Abstract

In today's journalism there are several temporalities: 1) news production; 2) editing of the material and preparation for disclosure; 3) distribution by platforms, using advanced technologies, in a complex that releases products every second, as in real time. This article draws parallels between the media industry and today's newsrooms to reflect on the following questions: 1) How did we get to the convergent newsroom? 2) How did society and newsrooms influence each other in this process?

Keywords: Newsroom; Journalism; Time; Temporality; Technology.

Resumen

En el periodismo de hoy hay varias temporalidades: 1) producción de noticias; 2) edición del material y preparación para la divulgación; 3) distribución en una plataforma, utilizando tecnologías avanzadas, bajo un complejo que lanza productos cada segundo, como en tiempo real. Este artículo establece paralelismos entre la industria de los medios y las salas de redacción de hoy para reflexionar sobre las siguientes preguntas: 1) ¿Cómo llegamos a la redacción convergente? 2) ¿Cómo se influyeron mutuamente la sociedad y las redacciones?

Palabras clave: Redacción; Periodismo; Tempo; Temporalidade; Tecnología.

* Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada na Mesa Jortec do 16. Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). São Paulo: Centro Universitário Fiam-Faam, 2018.

❖ Artigo recebido em 29 de novembro de 2019 e aceito para publicação em 23 de abril de 2020.

Introdução

No livro “Uma breve história do tempo”, Stephen Hawking (2015, p. 12) reflete sobre a imagem que temos do universo: “O universo teve um começo? Se teve, o que aconteceu antes? Qual é a natureza do tempo?”. Também em relação aos fatos relacionados à comunicação, em especial à ligação do tempo com a evolução dos espaços e objetos do cotidiano do jornalismo, podemos nos perguntar: qual foi o começo? O que aconteceu antes? Se partimos do pressuposto de que os desenhos nas cavernas foram um dos primeiros indícios de que a humanidade queria se comunicar, poderemos considerar isto um começo. Antes os seres humanos tiveram que inventar ou descobrir algum tipo de substância que pudesse ficar gravada na pedra e algum tipo de estilete para direcionar os movimentos da mão; tiveram que organizar o pensamento, desenvolver uma linguagem de signos; tiveram que adequar o tempo para poder fazer isso, à parte das tarefas domésticas, da necessidade de caçar, da atividade de se locomover, de se defender e de manter a prole. Em seus primórdios, os humanos não ficaram apenas nas artes gráficas: criaram a comunicação audiovisual – os tambores, os sinais de fumaça e a fala.

Se pensarmos retrospectivamente, o teclado dos computadores não precisava ser na combinação Qwerty, pois a máquina de escrever não é um antecessor natural dele. O silício, segundo componente químico mais abundante na natureza, possibilitou o microchip, e foi desenvolvido a partir da válvula, mãe do transistor, embora eles não estejam conectados na história. Nem mesmo as impressoras digitais – muito menos as 3D – precisariam ter passado pela fase do mimeógrafo. Franciscato (2005, p. 38) apontou que “o desenvolvimento de novas técnicas de produção e organização social durante as revoluções científica e industrial nos séculos XVII a XIX sedimentou um conjunto de transformações nas sociedades industriais” e esse processo teria repercutido no uso do tempo.

Estamos falando de mudanças, transformações, revolução. De tempos e temporalidades. A palavra tempo, do latim *tempus*, é a grandeza física que mede a duração das coisas mutáveis, aquelas sujeitas a alterações. Einstein afirmou que o tempo e o espaço são independentes, o tempo seria uma ilusão, um fluxo infinito de movimentos e de mudanças. O físico Max Tegmark, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, entende a realidade como “um lugar tridimensional onde as coisas acontecem ao longo do tempo”, mas

admite que podemos viver num “universo de blocos”, onde a mudança seja uma ilusão, porque “está tudo ali – passado, presente, futuro” (Martin, 2016). Ao organizar uma cronologia, datamos os momentos em que ocorrem determinados acontecimentos. Assim é que, numa linha do tempo, podemos representar graficamente os momentos históricos em pontos e os processos em segmentos. Já a temporalidade, na filosofia, é a progressão linear do passado, presente e futuro, enquanto, nas ciências sociais, estudam-se as temporalidades como percepção humana do tempo e sua organização pelos indivíduos. Quando uma atividade está sujeita a certas limitações do tempo, costuma-se falar em temporalidade, como é o caso do trabalho jornalístico.

A verdade é que o mercado de notícias e de informação, sujeito a tempos e temporalidades, sofreu alteração radical nas seis últimas décadas, embora todas as modificações que a comunicação sofreu ao longo da existência humana tenham impactado o jornalismo, como ciência da atualidade, da mediação e da difusão. Charron e Bonville (2016, p. 158) dizem que as mudanças no jornalismo são “apenas o resultado emergente de negociações semelhantes entre uma variedade de parâmetros”. Quando Gutenberg, por volta de 1450, inventou os tipos móveis foi necessário aperfeiçoar o papel e a tinta, além de novos métodos de gravação que exigiam mão-de-obra capacitada. Antes disso, Gutenberg teve que se associar a um ourives (para cunhar pequenas peças) e a um banqueiro, a fim de conseguir financiamento para sua empreitada. Este é um exemplo de como as negociações internas proporcionaram os parâmetros para que um produto fosse gerado: a Bíblia de 42 linhas ou Bíblia da Mogúncia.

A própria escolha da Bíblia por um artesão pobre de Mainz (Alemanha), às margens do Rio Reno, também foi fruto de uma negociação inteligente, que traria consequências para o resto da humanidade (Jorge, 2013). Gutenberg optou por um texto que fosse estável, homogêneo, numa época em que os escritos possuíam muitas versões, a depender de quem contasse a história ou de quem a escrevesse, o escriba. Além disso, ele desejava produzir algo que pudesse ser amplamente divulgado, e nisso contou com a mídia católica. Nessa negociação de dois lados, o impressor difundiu seu invento e a igreja católica levou sua crença para todo o mundo então conhecido. Mais além, a Bíblia da Mogúncia inauguraria o que Charron e Bonville (2016, p. 132) chamam de “indústria de protótipo”, que caracteriza a economia da informação, quando “a maioria dos custos está concentrada na

produção do original, do primeiro exemplar", e as demais cópias têm valor muito baixo. Por sua vez, a descoberta e valorização do protótipo teriam repercussões sobre o controle da qualidade do produto, bem como sobre o tempo em que ele seria realizado.

Este artigo tenta estabelecer paralelos entre a evolução da indústria de mídia, o tempo e as temporalidades das redações da atualidade, para refletir sobre questões que interferem na forma como as notícias chegam ao meio social. As salas de redação representam, na indústria da mídia, o chão de fábrica, o lugar onde os profissionais-jornalistas executam as atividades operacionais que resultarão nos produtos à disposição do público, em essência, notícias, informações e entretenimento. Assim como o jornalismo foi se adaptando ao entorno tecnológico, também o ambiente de trabalho sofreu modificações, até chegar no que chamamos hoje uma redação convergente. Moreira Silva (2015) observa que a convergência de plataformas serviu como uma abertura aos jornais em prol de novas audiências, criando "novos espaços de organização de comunidades" e oferecendo produtos multimídia que atraíssem os consumidores. Para a autora,

A convergência é um conceito difícil de definir. E não o podemos limitar a uma só linha de pensamento, pois é mais do que produtos em simultâneo, é mais do que integração de redações. O processo de convergência consiste na reorganização das redações não só em função dos conteúdos, mas também a partir dos produtos que disponibiliza e da tecnologia que emprega (Moreira Silva, 2015).

No jornalismo praticado hoje em termos industriais convivem várias temporalidades: 1) a da produção da notícia, que envolve o tempo para executar as tarefas básicas de apuração, seleção e redação; 2) a da edição, que significa dispor de tempo para elaborar os complementos do material bruto (títulos, legendas, fotografias, vídeos, infográficos), revisar o material selecionado, e determinar a maneira de divulgá-lo, em que plataforma e em que momento; 3) a da distribuição, englobando o uso de um suporte, que pode ser o papel, as ondas radiofônicas, a tela da TV, o computador ou as redes sociais – tudo isso funcionando num todo que libera produtos em tempos, a cada segundo, em fluxo contínuo. Quanto maior a pluralidade de

tecnologias dentro de uma mesma empresa de mídia, mais complicados os organogramas e cronogramas para propiciar, de um lado, o compromisso com a informação e, de outro, a compensação financeira. Este estudo se debruça sobre a história da mídia, especialmente no Brasil, para tentar entender: 1) como chegamos à redação convergente? 2) como a sociedade e as redações se influenciaram no processo de transformação que as empresas de mídia estão sofrendo?

2. A organização do trabalho

A redação é um microcosmo onde incidem as mais significativas alterações do jornalismo, compreendidas no modelo teórico do *newsmaking*. Ali estão concentrados os elementos da abordagem do jornalismo como construção social, apontados por Wolf (2003, p. 194) – a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e dos processos de produção, aos quais poderíamos agregar outro elemento importante nos dias de hoje, no seio da sociedade capitalista: o produto – a notícia ou o conjunto delas –, bem como as demais criações que as empresas liberam ao mercado. Mudanças aconteceram e não são apenas mudanças estruturais, porém, uma mutação cultural acelerada que atinge este setor da indústria de transformação, se levarmos em conta que lidar com a informação é transformar fatos – matéria-prima – em informação (Jorge, 2015).

A estruturação das empresas jornalísticas, a partir da segunda metade do século XIX, atendeu a uma série de processos históricos bem anteriores que envolveram toda a sociedade. De fato, a organização do trabalho começou a acontecer na Itália, França, Alemanha e Inglaterra quando as primeiras zonas urbanas iniciaram a consolidação de cidades, no século X. A invenção do relógio marcaria a transição de um dia sem horas para um dia controlado pelas badaladas do sino de uma torre pública (Le Goff, 2013), representando o que Whitrow (1993) viu como um instrumento da concepção mecânica do universo e da ideia moderna de tempo.

Daí aos conceitos de fordismo e taylorismo, com a produção cronometrada e setORIZADA dos anos 1900, transcorreram inúmeras vezes processos e incontáveis transações negociais. A redação jornalística contemporânea absorveu o desenvolvimento da indústria gráfica, audiovisual e digital para, além dos produtos noticiosos que divulga, apresentar-se como

um objeto de pesquisa dos mais prolíficos, tanto no jornalismo quanto na administração, tanto na informática quanto no estudo da organização do trabalho.

Veremos pois, neste artigo, como as redações passaram de cubículos apertados nas estalagens da Idade Média às velozes turbinas de processamento de informações da pós-modernidade. Se, em 1588, um impressor estabelecido em Colônia (Alemanha), Miche von Eyzingen, distribuía na feira uma publicação com os acontecimentos do ano, foi então que o serviço de correios foi criado (na Itália, pela família Turn und Taxis) e os postos de mudança de cavalos para levar e trazer a correspondência, geralmente instalados em pousadas, se converteram em núcleos de informação. Aí se estabeleceram as primeiras "redações" e o tempo entre a substituição dos animais foi aproveitado.

Nos primórdios da imprensa, não se reconhece a atividade de redigir, muito menos se tem registrado o trabalho conjunto de redatores. Por volta do ano 50 a.c., quando Júlio César instituiu as *Acta Diurna Populi Romani*, existiram os *actuarii*, os redatores das *Acta*, embora não se saiba exatamente onde e como exerciam esse ofício. Rizzini (1988, p. 16) observou que, nessa época, "os livreiros, geralmente instalados sob os pórticos, poliam os volumes com pedra-pomes e os arrumavam numa espécie de vitrina". Em meados do século XIV, já havia universidades e com elas o negócio dos copistas se expandiu. Também surgiram os notários, funcionários de cartório encarregados de registrar e anotar as transações comerciais, aumentando a burocracia pública e privada, por interesse dos banqueiros, dos comerciantes e da monarquia.

A invenção de Gutenberg solidificou o mercado do livro na Europa. Ele não se negou a compartilhar os segredos da chamada "arte negra", que envolviam, além da construção dos tipos móveis, a elaboração de tinta preta que não borrava no papel. O rei francês Carlos VII, por exemplo, enviou o diretor da Casa da Moeda de Tours, Nicolaus Jensen, a Mainz para fazer um estágio na *oficina* de Gutenberg (Ortiz et al, 1998).

A nomenclatura "oficina" para as casas de impressão iria permanecer por muito tempo e assim chegou ao Brasil. Chamava-se àquele que a comandava "mestre impressor", mas não se conta entre suas atribuições redigir qualquer texto. Para fazer funcionar o *taller*, ele contratava operários, entre eles "caixistas", "prensistas" e impressores, dando a entender que o

trabalho de redação era feito por outrem, antes da impressão propriamente dita. Com efeito, na Idade Média o mercado de livros era controlado financeiramente pelos comerciantes livreiros da Europa que, beneficiados por leis absolutistas, aportavam capital e gerenciavam os pedidos aos mestres impressores. "O comerciante era o que tratava diretamente com o autor, negociando a remuneração, a tiragem, etc.", dizem Ortiz et al (1998, p. 157). Eisenstein (1994, apud Ortiz et al, 1998, p. 158), afirmou que "a chegada da imprensa propiciou a criação de uma nova estrutura da loja-oficina; uma reagrupação que significou a aproximação de artífices de ofícios distintos, o que favoreceu novas formas de intercâmbio cultural".

A imprensa chegou ao Brasil em 1808. Sodré (1988, p. 143) conta que o secretário de Estrangeiros e da Guerra, ao aportar no Rio de Janeiro com o material tipográfico que tinha comprado e recebido pouco antes de embarcar com a família real em Lisboa, "mandou instalá-lo nos baixos de sua casa, à rua Barbonos". Por meio de um ato de Dom João VI, de 31 de maio, ficou decidido que "atendendo à necessidade que há de oficina de impressão nestes meus Estados, sou servido que a casa onde se estabeleceram sirva inteiramente de Impressão Régia".

Apesar de a tipografia real publicar documentos do governo, editais, cartazes, anúncios, orações e a *Gazeta do Rio de Janeiro* – que tinha como redator, segundo Romancini e Lago (2007), frei Tibúrcio José da Rocha, não consta que houvesse uma redação ou algo com este nome. O periódico baiano *Idade de Ouro do Brasil* (1811) foi escrito pelos portugueses Diogo Soares da Silva e Inácio José de Macedo e impresso na oficina de Silva Serra; o primeiro jornal de Minas Gerais, o *Compilador Mineiro* (1823), foi impresso por frei José Mariano da Conceição Veloso em sua tipografia improvisada em Vila Rica; e o *Correio Braziliense* (1808-1822) "era um jornal feito, praticamente, por um homem só. Hipólito pesquisava, escrevia, fazia traduções e editava o material que inseria no *Correio*, bem como as colaborações dos leitores" (Romancini; Lago, 2007, p. 25). Assim, a oficina, a tipografia e talvez a própria casa do redator eram os lugares onde foram elaborados os primeiros textos noticiosos da imprensa brasileira.

3. A imprensa no século XIX

A partir dos postulados do Iluminismo, no século XVIII, os franceses haviam derrubado o dogma do poder monárquico concebido como direito divino e colocaram em xeque a superioridade da aristocracia. Ao escrever “O espírito das leis”, em 1748, Montesquieu havia estabelecido conceitos sobre as formas de governo e o exercício da autoridade política, pontos que se tornaram básicos na teoria política moderna. Em 1789, a burguesia chegou ao poder na França e uma multidão tomou a Bastilha. Uma das imagens mais emblemáticas dessa época é a de um grupo de pessoas protegendo um prelo.

A partir de 1821, com o decreto de Dom Pedro II extinguindo a censura prévia, cresceu o número de jornais no Brasil. Veículos opinativos, seu objetivo principal era criticar o governo. Era o caso de O Tamoio, de José Bonifácio de Andrada e Silva, que em 1823 se lançou como semanal e logo passou a tirar edições três vezes por semana. Antes dele, A Malagueta (1821) foi o periódico de Luís Augusto May, cuja característica era a de estampar um longo artigo, “muitas vezes uma carta aberta a Dom Pedro” (Romancini; Lago, 2007, p. 38-39), que podia ter tom bajulador ou de ataque. Já a série de Sentinelas da Liberdade, de Cipriano Barata, era sempre crítico. Em relação a todos esses, não se menciona – na bibliografia acerca da história do jornalismo brasileiro – onde eram feitos, à exceção do jornal de Barata, que era escrito em suas inúmeras prisões. A cada número ele sinalizava ao leitor onde estava – Sentinelas da Liberdade na Guarita de Pernambuco, por exemplo – e continuava a publicar seus libelos contra o governo monárquico, pregando a independência do Brasil de Portugal.

Em 1825, quando se deu a fundação do Diário de Pernambuco, o mais antigo jornal brasileiro em circulação, ainda não havia lâmpada elétrica (Thomas Edison só a criou em 1847) e a estrada de ferro era um evento recente: uma linha de transporte de passageiros por ferrovia foi inaugurada nesse ano na Inglaterra e a primeira locomotiva a chegar ao Brasil só aconteceu quase 40 anos depois, em 1862. As condições materiais de produção do jornalismo, entretanto, continuavam bem precárias nesse final de século, ao passo que as novas invenções começavam lentamente a fazer parte da vida das pessoas. A pressão da alfabetização e o aumento na quantidade de bens de consumo, junto com o crescimento populacional, forçaram a eclosão de uma série de inventos que contribuíram para a estruturação e expansão das empresas jornalísticas.

O Jornal do Commercio, em 1827, liderado pelo francês Pierre Plancher, substituiu as publicações Preços Correntes, Notícias Marítimas e Movimento de Importação e Exportação com a intenção de se dedicar aos “senhores negociantes”. Conservador e defensor das classes produtoras, trouxe da Europa designers – ou melhor, mestres em artes gráficas – e introduziu inovações técnicas, como as ilustrações, e se beneficiou das primeiras experiências fotográficas. A invenção da fotografia é apontada em 1802, mas a técnica somente se popularizou a partir de 1837, num movimento que logo atingiu a imprensa. Não podemos deixar de remarcar que o registro fotográfico e filmográfico também se insere entre as tentativas humanas de dominar o tempo, na medida em que preserva uma imagem que já passou.

Alguns diários novaiorquinos resolveram, em 1848, reunir-se na Harbour News Association e fizeram um pool para cobrir um evento. Nesse mesmo ano, Bernard Wolff criou, na Alemanha, a primeira agência de notícias, a Agência Wolff. Em 1852, Israel Beer Josaphat (que mudou seu nome para Paul-Julius Reuter) instalou, a partir de um serviço de informações financeiras com o uso de pombos-correio – a Agência Reuters, hoje a maior do mundo nesse setor. Quatro anos depois, a agência norte-americana Associated Press começou a funcionar. Já se avizinhava um novo tipo de jornalismo, que iria influenciar o *modus faciendi* da profissão, quando o correspondente da AP em Washington proclamava: “Meu trabalho é comunicar fatos. Minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentários sobre os fatos, sejam eles quais forem” (Newton, 1997, p. 10).

Na verdade, estava-se prestes a adotar um estilo de escrita, o da pirâmide invertida, que teria larga aceitação em todo o mundo ocidental. A primeira notícia nesse formato seria publicada pelo jornal The New York Times em 1861. Não só a expansão das agências de notícia foi uma maneira de ordenar o tempo dos repórteres e o da circulação da informação: o uso da pirâmide invertida, como modelo para sobrepujar a precariedade das ligações telegráficas, seria uma forma de reduzir o tempo de elaboração e de transmissão, incidindo fortemente na temporalidade associada à profissão e na cultura dos jornalistas, que já então incorporavam o quesito velocidade ao trabalho.

No Brasil, em 1875, terminou a Guerra do Paraguai. No Rio de Janeiro, foi lançada a Gazeta de Notícias, onde José do Patrocínio iniciou sua carreira jornalística e Raul Pompéia publicou O Ateneu. A Província de São

Paulo, que em 1890 viraria O Estado de S. Paulo, inaugurou nesse ano a venda de rua, com um agente tocando uma buzina. Houve polêmica entre os paulistanos tradicionais, bradando contra a "mercantilização da imprensa". No entanto, numa época em que a leitura ainda se constituía num privilégio das classes mais abastadas, era necessário chamar a atenção para o produto e despertar a vontade de conhecer as notícias tão logo elas fossem publicadas. Foi assim que os veículos, antes gratuitos e financiados por instituições religiosas, partidos políticos ou associações, buscaram uma forma de viabilizar as edições, deixando um passado de diletantismo e amadorismo.

Sem dúvida, as mudanças nesse período passavam pela aceleração da tiragem e por reformas nos sistemas de impressão, e isso por si só constituiu uma revolução social e cultural. Entretanto, a invenção do escocês Graham Bell, professor de Fisiologia Vocal na Universidade de Boston, o telefone, foi um fator decisivo na afirmação do jornalismo como profissão, tornando ainda mais rápida a produção e contribuindo para a credibilidade do jornalista. Um outro ponto nessa evolução foi o desenvolvimento do telefone celular, em 1973, por Martin Cooper, embora só tenha chegado ao mercado 10 anos depois; e a invenção do telefone inteligente (smartphone), que reúne funções do computador e do telefone, em 2007, e obrigou, junto com as demais tecnologias da informação e da comunicação, a uma total reformulação das redações do século XXI.

Fazendo um paralelo: se, em 1450, Gutenberg reproduzia 50 páginas por hora, em 1814 Koenig conseguiu fazer uma máquina imprimir 1.100 páginas/hora e Marinoni, em 1871, 95 mil páginas/hora. A invenção da máquina de escrever (patenteada por Sholes, Sole e Glidden, 1863); do sistema off-set, em 1884; do linotipo, por Mergenthaler, em 1886; e até do primeiro engenho com movimento próprio: o auto-móvel, em 1885, ajudaram a conformar as empresas jornalísticas em bases industriais, quesito do mundo moderno. Em 1895, o prelo italiano Derriey e as rotativas mecanizadas chegaram ao Brasil (Rego, 1984). Ao ser inaugurado, o Jornal do Brasil introduziu clichês em zinco, melhorando a qualidade das ilustrações. Medina (1988) anotou que começava então uma mudança gráfica, com fotos e manchetes que, entre 1900 e 1920, transformaria a rotina dos órgãos de imprensa em nosso país, em contraposição ao que eles faziam no século XIX. Passava-se a oferecer ao leitor um produto de consumo mais fácil e rápido, com a apreensão instantânea das notícias. Hoje, o jornalismo

impresso conta com um arsenal que permite a publicação em poucas horas e o jornalismo digital, nem bem aconteceu o fato já o disponibiliza nas plataformas móveis, redes sociais, telas de celular e de computador, telões nas praças, invadindo o tempo e a vida do cidadão comum.

4. As primeiras redações e a eletrônica

Florence Le Cam (2015) assevera:

A redação é um símbolo, mas também o espaço físico que dá origem à produção de informação. Evoluindo de uma pequena sala no coração da gráfica para um grande escritório aberto, a redação é uma noção importante que permite aos estudiosos contemplar as mudanças que transformaram o jornalismo no último século. Concentrar-se na "redação" pode nos permitir analisar a história de pelo menos três elementos mutantes: a localização da redação, a organização espacial da sala de notícias e os objetos dentro da redação.

Em seu clássico livro "História da Imprensa no Brasil" (1983, p. 212), Nelson Werneck Sodré só começa a usar a palavra redação quando fala do jornal de Quintino Bocaiuva, *A República*, criado em 1870, que chegou à expressiva tiragem de 10 mil exemplares: "Sua redação, à rua do Ouvidor, entre Gonçalves Dias e Uruguaiana foi atacada, a 27 de fevereiro de 1873, e o jornal empastelado". Mais adiante ele cita Lúcio de Mendonça e lembra que a sala de redação, em 1872, onde depois se instalaria a Confeitaria Cailteau (hoje Confeitaria Colombo), "era ponto de encontro dos homens de letras do tempo". Segundo Mendonça (apud Sodré, 1983), ali perto, na rua dos Ourives, estava a redação de *O Mosquito*, fundado em 1869 como "jornal caricato e crítico":

Havia então, certas noites, um grande ponche, com palestra em redor, para o qual se convidava, com a fantástica denominação exposição de feras. O calouro de imprensa, que eu era com os meus dezoito anos de idade e o curso de Direito interrompido, fazendo a cozinha da redação da República, achava uma requintada delícia

intelectual aquele convívio de gente nova e quase ilustre, de bom humor e de bons dias (Mendonça, apud Sodré, 1983, p. 214-215).

Costa (2005, páginas 31, 34, 35) narra que Machado de Assis, que fora aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional e passou a revisor de provas no *Correio Mercantil*, em 1881, quando publicou “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e se tornou famoso, “depois do trabalho, parava para a habitual prosa com os literatos nas editoras Garnier e Lombaerts, ou nas redações de *A Semana* e de *A Revista Brasileira*”. Mais tarde, contratado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, “trabalhava na 'cozinha' do jornal: escrevia e reescrevia os anúncios, as pequenas notícias, com um estilo 'já nítido e limpo'”, tornando-se “pau-para-toda-obra de funções múltiplas na redação e na administração”.

Assim, escritores como Machado, José de Alencar, Olavo Bilac, Joaquim Manuel de Macedo, entravam “nos salões da literatura pela porta de serviço: o jornalismo” (Costa, 2005, p. 28) e ajudavam a fazer a transição para a modernidade, quando os jornais se voltariam para o jornalismo informativo e descobririam, sob a inspiração do realismo e do positivismo, a notícia e a reportagem. Na fase anterior, os veículos privilegiavam a análise e a opinião, e valorizavam gêneros como o folhetim, com suas histórias melosas e dramáticas. A partir de 1900, a imprensa brasileira abandonava a etapa artesanal pela industrialização.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, João do Rio, começou a trabalhar no jornal *A Tribuna* em 1899 e logo passou a escrever regularmente para *A Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, que foi seu patrão também na *Gazeta de Notícias*. Ao transitar entre os dois meios, o literário e o jornalístico, a contribuição de João do Rio ao jornalismo foi assumir a profissão de repórter, tirando os profissionais da redação e assumindo o trabalho de campo. Numa época em que “o noticiário ainda oscilava entre um diário oficial, uma gazeta literária e uma seção de caricaturas”, o grande mérito de João do Rio foi investir no jornalismo investigativo e de comportamento (Costa, 2005, p. 42), o que mudaria para sempre o sistema produtivo da indústria de mídia no Brasil e conferiria para todo o período posterior a importância da atualidade ao noticiário.

Quando o repórter novato Villas-Boas Corrêa chegou pela primeira vez a uma redação, no final dos anos 1940, no Rio de Janeiro, ele se

surpreendeu com o que viu: os redatores – todos homens mais velhos – ficavam em redor de uma mesa comprida, com muitos papeis, fumando, e escreviam à mão e à lápis. Ele era o único que tinha uma máquina de escrever, portátil, que trazia de casa. No outro lado da sala grande ficavam os chefes, em mesas individuais igualmente atulhadas de papeis (Depoimento à autora, 1989). Computadores ainda estavam longe de chegar às mãos dos cidadãos comuns; entretanto, a cronologia dos engenhos acoplados às redações já iniciava os primeiros registros, como veremos.

Em 1820, Charles Babbage começou, na Inglaterra, a construção de uma máquina que pode ser considerada a primeira aproximação de um computador tal como o concebemos hoje. Em 1834, ele a aperfeiçoou para que fizesse as quatro operações e calculasse qualquer operação matemática a partir de um algoritmo. Assim nascia a arquitetura física e lógica do avô de nosso computador, já com um armazém/ memória e um moinho/ processador (Sapo, 2017). Em 1946, a Escola de Engenharia Elétrica da Universidade da Pensilvânia e o Laboratório de Pesquisas Balísticas do Exército norte-americano apresentaram o Eniac, primeiro computador digital eletrônico. Construído pelo engenheiro John Presper Eckert Jr. e pelo físico John William Mauchly, tinham altura de dois andares e peso de 30 toneladas. Em 1972, a Universidade São Paulo inaugurou o primeiro computador tupiniquim, o Patinho Feio. Com a invenção do microchip, em 1959, a fabricação de microcomputadores se acelerou. Dez anos depois, enquanto o primeiro homem pisava na Lua, era criada a Arpanet, rede de comunicação organizada pelo *Advanced Research Projects Agency* do Departamento de Defesa norte-americano, ligando computadores de centros de pesquisa universitários e militares nos Estados Unidos, e em 1981 se tornaria Internet.

Em 1970 apareciam os minicomputadores, antecedendo os microcomputadores ou computadores pessoais, de 1978. Já em 1975, o Ministério das Comunicações do Brasil incumbiu a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) de instalar e explorar a transmissão eletrônica de dados. Numa atitude pioneira, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – o Ibase de Herbert de Souza, o Betinho – conseguiu apoio da ONU para a utilização do acesso à Internet via BBS (Bulletin Board System), interligando várias Organizações Não Governamentais (ONGs) através do provedor Alternex. Com a Rede Nacional de Pacotes (Renpac), em 1985, a internet chegava ao chamado “grande público”, sem, no entanto, suscitar

interesse: em dois anos, só conseguiu 110 usuários. Tudo isso veio antes de, em 1990, o britânico Tim Berners-Lee, especialista em computação a serviço do Laboratório Europeu de Física de Partículas em Genebra, Suíça, criar o código básico da World Wide Web (WWW) (Jorge, 2013).

A introdução das primeiras máquinas nas redações representaria um *upgrade* nas rotinas produtivas do jornalismo, iniciando-se pela paginação eletrônica e se expandindo depois para o processamento de textos. Os jornais entraram numa nova era, a competição se acirrou e as redações cresceram. A sala do *Washington Post*, no filme "Todos os homens do presidente", é o modelo de convivência com o qual os jornalistas se acostumaram a partir dos anos 1980: aparelhos de TV, computadores, divisão em editorias. Um novo pessoal saído das universidades tomava os assentos. No Brasil, a *Folha de S. Paulo* se vangloria de ter inaugurado "a primeira redação informatizada da América do Sul", em 1983 (Folha, s/d).

No terreno das comunicações, as coisas parecem ter tomado um ritmo vertiginoso, não só em relação à implantação de novas tecnologias nas redações, como também em relação aos novos produtos e serviços lançados. Em 1993, nos Estados Unidos, o *San José Mercury News* foi o primeiro jornal do mundo a disponibilizar conteúdo em meio digital. No Brasil, a Agência Estado começou a transmitir boletins financeiros e o *Jornal do Comércio* colocou seus arquivos na rede mundial de computadores antes mesmo de, em 1995, o *Jornal do Brasil* apresentar suas notícias em tempo real. A *Folha* foi pioneira na organização de um banco de imagens digital e ainda em 1995 lançou a *Folha Web*, seu serviço de notícias veiculado pela internet.

Considerações finais

Uma moderna sala de notícias convergente, nos dias de hoje, é um espaço amplo e com pé-direito alto para facilitar a ventilação, mesas em formato de hélice ligadas a um comando central, salas grandes para reuniões e saletas laterais para conversas, lockers para guardar objetos pessoais e tratamento acústico para minimizar o barulho – até de saltos altos. O ambiente pretende ser limpo, *paperless* e saudável, de modo a permitir que mais de uma centena de jornalistas trabalhem com conforto e possam compartilhar informações o tempo todo. Com ligeiras diferenças, esta é a descrição da sala de redação do jornal La Nación (Costa Rica) – que investiu 7 milhões de

dólares num novo prédio; de O Globo, que atualmente integra a produção com os jornais Expresso e Extra (Rio de Janeiro), de El País, Reuters ou da BBC de Londres. Redações como essas chegam a abrigar mais de 400 jornalistas e especialistas de outras áreas, como designers, analistas de sistema e programadores, e já não processam apenas palavras, sons ou imagens, mas terabytes de informação (Jorge; Medeiros Neto, 2017).

Assim, o ambiente onde se concentram as rotinas produtivas do jornalismo atual é o resultado de todas as evoluções e revoluções que atingiram a sociedade, desembocaram nas tecnologias da informação e das comunicações e terminaram por incidir na forma como é distribuída e consumida a informação no mundo pós-moderno, onde vive o sujeito fragmentado, desnaturalizado, globalizado da contemporaneidade, segundo Hall. Em matéria de tempo e de realidade, as redações tentam dar a esse cidadão a ilusão de um presente perene, apressado e sem limites.

Com efeito, a ideia de tempo real não passa de uma tentativa da humanidade, dos jornalistas e das empresas de mídia para controlar o relógio de produção da notícia na vida contemporânea. Se as fábricas foram (e são) um modelo de controle do tempo de trabalho no interior de uma empresa (Franciscato, 2005), os governos, com suas leis, criaram formas de instituir temporalidades que ajudam a organizar as cidades, e consequentemente o Estado moderno, afetando a vida dos cidadãos. Para conseguir realizar todas as tarefas do cotidiano, manipuladas pelo relógio, o indivíduo urbano criou o artifício da pressa. A pressa, maneira de acompanhar o suceder dos fatos em ritmo acelerado, tornou-se um contingente da pós-modernidade tardia, do capitalismo avançado e da própria existência nas metrópoles. Com esses três ingredientes, a indústria de notícias assumiu para si a difícil função de informar em tempo real, uma ficção que apenas tangencia o real tempo.

No Brasil, a Internet não foi dimensionada para o *tempo real*, um serviço que pretende reproduzir os acontecimentos tão logo eles acontecem e que exige constante atualização. O código IP – Protocolo de Internet –, serviço que transporta pacotes de informação encarregando-se de seu destino final, não inclui entre suas funções básicas a transmissão de voz e imagens ao vivo e isso acaba causando problemas ao sistema, e é uma das razões para termos uma internet tão lenta no país.

"A redação jornalística é um símbolo, mas também o espaço físico que dá origem à produção de informação", lembra Le Cam, chamando a atenção

para a “dialética de continuidade e mudança” (Le Cam; Ruellan, 2014) que se manifesta no jornalismo e que o tornam sobrevivente, não apenas às alterações físicas, políticas e econômicas das cidades, como também, e principalmente, às transformações sociais e culturais que atingem as comunidades, os povos e os países, *mutando* sem parar e mantendo, ao mesmo tempo, alguns padrões e características. É de cada estrutura redacional, pequena ou grande, em todo o mundo, que saem as notícias que modificarão esse mundo e a vida das pessoas.

Ao falar em dinâmicas de permanência e alteração, estamos mais uma vez a tratar do tempo que conduz, condiciona e obriga a adaptações, não como um continuum, porém, como uma sucessão de acontecimentos que aqui apenas alinhamos para demonstrar a ligação de uns com os outros. Eles não constituem, de modo algum, uma reta determinada em algum sentido – que ignoramos –, e não passam de episódios que poderiam ter vindo em outra ordem no universo. As tecnologias, a introdução da eletrônica para facilitar as tarefas e acelerar o tempo, a relação do jornalismo com as máquinas parecem estar mais ou menos dentro daquilo que Charles Darwin (2000, p. 450, 458) disse em relação à evolução das espécies: “Não são as espécies mais fortes que sobrevivem, nem as mais inteligentes, e sim as mais suscetíveis a mudanças”.

Referências

- Charron, Jean; Bonville, Jean de. (2016). Natureza e transformação do jornalismo. Florianópolis: Insular.
- Costa, Cristiane. (2005). Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras.
- Darwin, Charles. (2000). A origem das espécies e a seleção natural. Curitiba: Hemus.
- Eisenstein, Elisabeth. (1994). La revolución de la imprenta en la Edad Moderna europea. Madri: Akal.^[1]_{SEP}
- Folha de S. Paulo. História da Folha. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: 29 nov. 2019.
- Franciscato, Carlos Eduardo. (2005). A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira.
- Jorge, Thaís de Mendonça. (2013). Mutação no jornalismo. Como a notícia chega à internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Jorge, Thaís de Mendonça; Medeiros Neto, Benedito. (2017). Redações jornalísticas: convergência e inovação em três continentes. Estudo de caso sobre cinco organizações de mídia na posmodernidade. Trabalho apresentado ao 15º Encontro Nacional da SBPJor. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Le Cam, F. (2015). Photographs of newsrooms: From the printing house to open space offices. Analyzing the transformation of workspaces and information production. Journalism 2015, Vol. 16(1) 134–152.
- Le Cam, Florence; Ruellan, Denis. (2014). Changements et permanences du journalisme. Paris: Ed. L’Hamattan.^[1]_{SEP}
- Le Goff, Jacques. (2013). Para uma outra idade média. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Petrópolis: Vozes.^[1]_{SEP}
- Martin, Sean. (2016). Time is NOT real: Physicists show EVERYTHING happens at the same time. Express, 3 dez. Disponível em: <https://www.express.co.uk/news/science/738387/Time-NOT-real-EVERYTHING-happens-same-time-einstein>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- Medina, Cremilda. (1988). Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus.
- Moreira Silva, Nair. (2015). A redação convergente e a produção de conteúdos para dispositivos móveis. Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 70-83. Disponível em: <https://surlejournalisme.com/rev/index.php/sljournalisme/article/view/184>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- Newton, Eric. (1997). News History Gazette. The Exhibition Newspaper. Washington: The Freedom Forum Newseum, vol. 1, n. 1.^[1]_{SEP}

Ortiz, Enric Borderia; Platero, Antonio Laguna; Francesc A. Martínez Gallego. (1998). *Historia de la Comunicación Social. Voces, registros y conciencias*. Madri: Síntesis.

Rizzini, Carlos. (1988). *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822: com um breve estudo geral sobre a informação*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

Romancini, Richard; Lago, Cláudia. (2007). *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular.

Sapo. (2017). Charles Babbage – O pioneiro dos computadores. 28 set. Disponível em: <https://pplware.sapo.pt/informacao/opiniao/charles-babbage-pioneiro-computadores/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

Sodré, Nelson Werneck. (1988). Primeiras manifestações da imprensa no Brasil. *Revista de Comunicação*. Rio de Janeiro: Ano 4, no. 14, p. 17-22. ^[1]_{SEP}

Sodré, Nelson Werneck. (1983). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes,.

Correia, Villas Bôas. (1989). Depoimento à autora. *Redação do Jornal do Brasil*.

Whitrow, G. J. (1993). *O tempo na história. Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Zahar.

Wolf, Mauro. (2003). *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes.

Cinco publicações da autora

(2019) *Viver o jornalismo: a entrevista no dia a dia da profissão*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

(2019). *Notícia versus fake news. A explosão discursiva das notícias falsas e o mundo dos jornalistas*. In: Figueira, João; Santos, Silvio. *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Manipulação, Polarização, Filter Bubbles*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

(2018). Com Marina Simon. Valores-notícia atualizados. Os novos, originais e contemporâneos fatores de Harcup e O'Neill. In: Porto Jr.; Moraes, Nelson Russo; Oliveira, Daniela Barbosa; Santi, Vilso Junior; Baptaglin, Leila Adriana (orgs.). *Media Effects. Ensaio sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo*, v. 5, p. 17-40. Palmas: UFRR/ UFT/ Fi.

(2017) *Notícia e fake news. Uma reflexão sobre dois aspectos do mesmo fenômeno da mutação, aplicada ao jornalismo contemporâneo*. João Pessoa: Revista Âncora, vol. 4, n. 2, p. 57-73. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-375X.2017v4n2.40094>.

(2017). Com Marques, Alberto. Da expansão ao declínio dos tablets: mapeando as apropriações brasileiras. *Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação Ibercom*. Ied. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2017, v. 1, p. 230-259.